

Preâmbulo

O homem abre os olhos, arrancado ao sono pelo embate na pista.

“Estimados passageiros”, anuncia a voz no altifalante, “acabámos de aterrar em Hamburgo. Esperamos que tenham tido uma óptima viagem e obrigado pela vossa preferência”

À saída do avião, o vento e a chuva surpreendem os recém-chegados como um exército emboscado. Cabelos e roupas voam num redemoinho de surpresa e desconforto. As luzes do edifício principal brilham com o fulgor baço e intermitente de um farol numa noite de tempestade. Em fila indiana, cabeças baixas, como os condenados do purgatório, todos obedecem e se encaminham para a porta das chegadas.

A esta hora, o aeroporto está quase deserto, tomado por um silêncio tão denso que emudece as palavras dos poucos passageiros que conversam.

Na sala de recolha de bagagem, as pessoas fitam o tapete rolante com olhos ávidos, puxando as malas com o alívio de quem resgata um filho ao mar revolto. Quando chega a sua vez, o homem faz o mesmo, com o grande saco de viagem, pesado como um cadáver.

À saída, toma a entrada do metro. Desce as escadas rolantes, de acesso à plataforma, onde o comboio já está parado. O mostrador electrónico informa: dali a dois minutos parte em direcção ao centro da cidade. São 00:28. O homem entra numa carruagem e senta-se num lugar ao canto.

Arranca, rumo à escuridão.

*

Avançam agora à superfície da terra, as janelas revelando a paisagem nocturna. Cruzam canais ladeados de árvores, jardins sombrios, grandes casarões, com as janelas ornamentadas, frisos e estátuas nas cornijas, varandas amplas como terraços e quintais que se estendem até à água, com pequenos barcos ancorados nas orlas. Em cada estação, as portas abrem-se, deixando entrar o frio da noite e um ou outro passageiro.

Agora, de pé em frente à porta, um rapaz de calças descaídas ouve música altíssima nos auscultadores. Um velho, de rosto austero, com um labrador aos pés, resmunga baixinho, afagando o cão, que também parece incomodado com o ruído. No extremo da carruagem, três raparigas adolescentes, de saias muito curtas e camisolas muito justas cantam, com vozes muito estridentes. Uma voz automática anuncia o nome da estação seguinte: “Reeperbahn”.

Quando as portas se abrem, o homem sai da carruagem.

Na rua, é assaltado pela intensidade das luzes e do ruído: letreiros em néon anunciam casinos, bares, salas de espectáculo, ecrãs luminosos mostram imagens de salas de jogo, carros de corrida, cartas, dados, champanhe, dançarinas e uma azáfama de gente barulhenta circula pela avenida, indiferente ao vento e à chuva.

O homem olha à sua volta, atordoado. Alguém lhe dá um encontrão.

“Excuse me, mate”, tartamudeia um homem vestido de mulher, cambaleando, referindo-se à cerveja que acabou de lhe despejar em cima do casaco. No instante seguinte, é levado em braços pelos amigos, disfarçados de marinheiros, arrastando-o rua abaixo, cantando aos berros:

“Carefree, wherever we may be
And we don't give a fuck
Whoever you may be.”

Por todo o lado, circulam manadas de curiosos, bêbados, drogados e foliões. E as putas, atentas nas esquinas, atacam em voo rasante os transeuntes solitários. Toda a gente parece fazer o que lhe apetece, num ambiente colorido de vício e possibilidades.

O homem atravessa a avenida, entrando por uma das ruas transversais, afastando-se da multidão em passo apressado.

Toca à campainha de um prédio escuro e velho, com grafites nas paredes. Como os outros edifícios em redor, tem o aspecto de quem já pertenceu, um dia, a um bairro mais bem frequentado, como o pequeno aristocrata que se perdeu no jogo e nas más companhias. Toca três vezes, antes de uma velha, de rosto carregado e cabelo ralo, abrir finalmente a porta.

“Guten Abend”, diz o homem, procurando explicar, em inglês, que reservou um quarto.

A velha responde-lhe com recriminações em alemão. Ele não percebe, mas entende. “Sorry, the plane was late”, diz, desculpando-se.

Mas ela abana a cabeça. Não quer saber de desculpas. São quase duas da manhã! Leva a mão ao bolso e estende-lhe um par de chaves. “Zwölf”, diz, com os lábios muito finos, rasgados na cara de múmia. Depois vira-lhe as costas e desaparece na escuridão de um corredor bafiento.

O quarto cheira a canos, mas é amplo, tem o tecto alto e uma janela com vista para a rua. O papel de parede tem buracos e manchas e está descolado no tecto e nos rodapés. O homem vê o seu reflexo, magro e cansado, no espelho do armário. Pousa o saco sobre a cama, com a colcha suja de nódoas e queimaduras de cigarros. Abre-o e tira do seu interior um caderno preto, livros, um computador, uma pasta presa com um elástico.

Com o caderno na mão, abre a janela e acende um cigarro. O frio gelado da rua irrompe pelo quarto. Lá em baixo, na rua, dois rapazes conversam em frente a uma loja de conveniência, ainda aberta. Parece-lhe reconhecer que falam em árabe.

Mas agora, ouvindo passos aproximar-se, encosta a janela e espera.

Um cargueiro entra no porto. Apita uma nota grave e triste que se prolonga no espaço e no tempo, enquanto desliza, como um fantasma, pelas águas escuras do Elba. Um barco pequeno sai ao seu encontro, deixando atrás de si uma esteira de luzes amarelas e brancas.

Àquela hora, Hamburgo sonha. Sonhos inquietos, agitando-se por debaixo de um semblante tranquilo: a passagem esporádica de um barco, um carro em movimento numa rua vazia, dois homens em silêncio, caminhando ao longo do pontão, a sirene distante de uma ambulância, um bater de asas e o grasnar de um corvo.

Um dos homens que, naquele momento, se aquece em frente de uma fogueira improvisada numa lata de metal, dá um salto, surpreendido com o corvo.

“Malditos pássaros!”

Os outros riem. Têm os dentes sujos, os rostos cansados, as roupas encardidas. Fumam, segurando as beatas com dedos compridos e nodosos. Em redor deles, várias pessoas dormem em sacos cama cobertos com mantas, espalhados pelo chão, confundindo-se com o lixo em redor. Uma mulher geme, na penumbra.

“Coitada”, diz um dos homens, que sabe o que ela tem.

Outro encolhe os ombros, cospe para o chão. “Coitado de mim”, diz.

“As coisas não-de resolver-se”, assevera, tranquilizador, o primeiro. “Tudo na vida se resolve.”

“Eu, se quisesse que tudo se resolvesse dava um tiro nos miolos.”

“Não é disso que estou a falar.”

“Mas é isso que eu te estou a dizer.”

“Ao menos aqui estamos em paz”, diz um, até ali calado.

O primeiro concorda, acenando a cabeça com veemência:

“É isso. Ao menos estamos em paz, isso não tem valor?”

O outro prepara-se para lhe responder, mas é interrompido pelo ruído de uma moto aproximando-se. “O que é que este quer, hem?”
São as suas últimas palavras.

— Capítulo I —

Anna Ostmann acorda, sobressaltada com o ruído do vento soprando pela frincha da janela. Levanta-se, trôpega, e tenta fechá-la, mas em vão. Abre-a: sente na cara o toque gelado do ar nocturno. Empurra-a de novo, desta vez com mais força, mas o assobio persiste. Desiste. Veste um casaco grosso de lã, serve-se de um copo de água, estende-se no sofá da sala. À sua volta, os poucos móveis, iluminados pelo candeeiro da rua, parecem assombrações. E as sombras dos ramos das árvores abanados pelo vento, projectadas na parede, lembram-lhe os filmes mudos, nos cinematógrafos. Anna observa-as, com os olhos cinzento-claros, quase transparentes – na penumbra, têm um brilho estranho – e deixa-se ficar assim durante algum tempo, estática, como se também ela própria fosse um dos fantasmas que, naquela noite, povoam o seu apartamento.

Deitada assim, no escuro, sente-se escorregar para dentro de si própria, como um líquido. E para não se entregar a essa sensação, tão familiar quanto desconfortável, senta-se direita, acende a luz do candeeiro e pega no livro pousado sobre a mesa. Começa a ler na página marcada, mas o vento distrai-a. Às vezes é assim: quando o vento sopra forte, tudo se desmorona.

Talvez seja porque existe, por detrás de quem é e do que faz, uma insegurança fundamental.

Aperta o casaco junto ao peito, embora saiba a sala aquecida, e que o frio está dentro de si. Levanta-se. Os ramos da árvore arranham a janela, como os dedos descarnados de um mensageiro aflito com notícias urgentes. Notícias que ela hoje não quer ouvir.

Na mesa de jantar, estão espalhados os papéis do processo mais recente: a morte de uma mulher encontrada a flutuar no Elba.

“E agora? Onde estás?”, pensa, passando os dedos pelo retrato de um rosto alegre, com olhos por onde a vida costumava espreitar.

Anna acredita numa lógica elementar em todos os homicídios. Como se cada um fosse, essencialmente, a repetição do assassinato primordial. Procura padrões que ela – e só ela – reconhece, e quase sempre os encontra. Depois, traduz o que descobriu numa associação de factos e de ideias fácil de explicar. Uma vez conhecida a verdade, isso é tarefa simples.

E, assim, é respeitada como detective, quando na realidade se sente sobretudo uma louca. Pior ainda: uma impostora. Porque a sua carreira foi construída sobre uma faculdade que não lhe pertence, ou, em todo o caso, que ela não controla. Que faz parte de um mundo inacessível à vontade e à razão. Por isso assalta-a a insegurança a meio da noite. Por isso é tomada de angústias que, embora sejam familiares, ela não consegue sossegar.

Quando raia a madrugada, a verdade revela-se-lhe com a clareza de um rosto, emergindo na escuridão das águas. “Cá está!”, exclama, e o vento, feroz, parece reagir à notícia, uivando com mais força, empurrando a janela, abanando-a.

Distraída com o estrondo, esforça-se por retomar a cadeia de ideias que a levou a descobrir, um instante antes, quem matou essa mulher. Mas, ao fazê-lo, está a enganar-se a si própria, como sempre. Não foi uma cadeia de ideias. Descobriu de repente, porque é assim que as coisas acontecem. É assim que as coisas *lhe acontecem*.

Concentra-se, então, no que descobriu sem saber como: foi aquele homem de aspecto franzino, ossudo e estreito, de olhar assustado de quem não faz mal a uma mosca.

Pô-la a dormir com qualquer coisa que lhe deu a beber. Levou-a no carro até à beira-rio e atirou-a. A água gelada envolveu-a como uma mortalha. Morreu sem perceber que morria.

Ele deixou de sentir. De outra maneira, um homem tão frágil teria morrido também, esmagado pela enormidade do seu acto. Ele, que nunca fizera mal a ninguém e sempre a amara e respeitara. Ele, que se apagara e resistira a tantas provocações, tantas provações e nunca guardara rancores. Ele, que era fiel e fazia o que ela lhe pedia, e só pedia em troca que ela nunca se fosse embora...

Anna sorri. Agora sente-se calma. E, de alguma maneira, satisfeita consigo mesma. Já não se sente tanto uma fraude. Porque, embora não compreenda o estranho mecanismo que a faz ver aquilo que se esconde, é uma boa detective, com anos de experiência. Conhece a profissão como muitos não conhecem. E não se vangloria daquilo que não controla. Como agiriam tantos outros com um talento semelhante ao seu?

Pelo menos, é isso que pensa agora.

Daqui a poucas horas, Anna vai apresentar na Central a sua descoberta. Vai explicar àquele grupo de homens ensonados como muitos dos pontos que julgavam dispersos estão, afinal, ligados por um fio condutor simples, tão fácil de demonstrar. E todos vão ficar surpreendidos, irritados por não terem percebido, eles sozinhos, aquela evidência, mas, sobretudo, resignados, porque estão habituados à maneira estranha e repentina de Anna deslindar os casos.

— Capítulo II —

“Não faças isso, era só o que me faltava: agora temos a televisão ligada ao pequeno-almoço”, queixa-se Richard Manshofer, com os olhos inchados de sono, os ombros apoiados na mesa, uma chávena de café na mão.

Elise Brand, sua mulher, sorri. “Tu sabes que tem de ser. Tenho de estar actualizada para fazer boa figura. Ou queres que eu faça má figura?”

“Se calhar quero. Isso nem sequer é informação. É lixo!”

“Oh, meu gordinho.” Elise afaga-lhe o cabelo, numa carícia distraída. “Não amues. A dona trata de ti.”

Richard observa-a, sentada muito direita na cadeira, segurando a chávena com as duas mãos, o corpo magro desenhado sob uma camisa de noite fina, muito transparente. Passa-lhe a mão pela coxa nua.

“Schhht!” Ela dá-lhe uma palmada no pulso, aumentando o volume do noticiário.

A locutora fala em directo de uma rua de Hamburgo. Atrás dela, um cordão de polícia e um ajuntamento de curiosos. No rodapé, escrito em maiúsculas encarnadas, destaca-se o título da notícia: “HOMICÍDIO EM ST. PAULI”

“... por volta das 3 horas da madrugada. Testemunhas oculares referem um homem numa moto, que abriu fogo contra um grupo de refugiados. No entanto, fontes policiais falam de homicídio premeditado, dizendo que apenas foi disparado um tiro, contra um só indivíduo, que teve morte imediata. Não há registo de outros feridos.”

“Foi aqui mesmo ao lado!”, exclama Richard.

“Aqui ao lado”, repete Elise.

“Nos estúdios, temos hoje connosco o especialista Udo Strecht...”

“Coitados”, suspira Richard, baixando o volume.

“Tu queres lá saber!”

“Não quero saber? Achas que não me importo de andarem a matar pessoas em Hamburgo?”

Ela salta-lhe para o colo, procurando tirar-lhe o comando das mãos.

“Não é isso que estou a dizer. Só que tu disseste ‘coitados’ e estavas a falar dos refugiados. E desde quando te preocupas com os refugiados?”

Richard atira o comando para o fundo do sofá. Agarra-a pelo braço.

“Eu preocupo-me com todas as pessoas”, diz.

“Não sejas hipócrita! Por ti iam-se todos embora. A Alemanha para os alemães!”

“Cala-te.”

“A Alemanha para os alemães!”, insiste Elise.

“Isso é o que diz o teu patrão!”, contesta Richard, irritado.

Elise agora já não sorri. “Não. Estás enganado. O meu patrão está preocupado em descobrir os terroristas no meio dos refugiados, para proteger os próprios refugiados.”

“Para os proteger?” Richard finge uma gargalhada. “Ele acha que todos os refugiados são terroristas.”

“E são mais do que tu pensas.”

“E o que sabes tu agora sobre isso?”

Ela, vendo-o distraído, solta-se e consegue agarrar o comando. “Hipócrita”, grita, aumentando o volume.

“Ah, eu sou hipócrita?”

“És”, responde Elise e, olhando para o relógio: “E eu já estou completamente atrasada.”

“Boa, talvez seja da maneira que te despedem.”

“Idiota.” Elise dá-lhe um murro e foge da sala a correr.

Richard serve-se de mais café. Na televisão, um homem de laço discorre sobre as tensões latentes entre vários tipos de imigrantes e refugiados:

“É uma bomba-relógio, como eu já tinha aqui chamado a atenção. Receio, infelizmente, que episódios como este venham a repetir-se com mais frequência.”

Richard reflecte. Hamburgo não é uma cidade habituada a este tipo de crime, nem ele a vê preparada para se defender. É demasiado livre. E, muito embora não seja a Munique dos seus sonhos, é uma cidade bonita e agradável e seria bom que assim permanecesse. Não quer viver numa bomba-relógio. Por isso o chocou a decisão da Chanceler Angela Merkel de abrir as portas indiscriminadamente aos refugiados. Se a ideia do Governo é oferecer-lhes uma oportunidade para recomeçarem a vida em paz, seria bom *criarem antes* as estruturas necessárias para isso ser feito como deve ser, o que não tem acontecido, nem ele vê que seja possível. Pelo contrário, cada vez mais se apercebe de que os refugiados trazem com eles os mesmos ódios que criaram as guerras de onde fogem, e isso ninguém parece compreender. Se, no início, a violência é discreta, é porque está no estado latente: afinal de contas, eles estão ocupados a perceber os costumes da terra, arranjar trabalho, casa, criar redes de contactos. Mas, pouco a pouco, os velhos ressabiamentos hão-de vir ao de cima. Isso e a raiva ao modo de vida, ateu e libertino, da sociedade que os acolheu. Porque, no fim de contas, são muçulmanos. E estão em guerra permanente contra a decadência das sociedades ocidentais.

Richard pensa assim, mas não ignora a sua própria sensibilidade. E sabe que, se fosse confrontado, como Merkel fora, com casos concretos de refugiados, pedindo-lhe o apoio de que depende a própria sobrevivência, pedindo aquilo, que no fundo, é devido a todos os Homens, vacilaria e abriria os braços. Como Merkel vacilara. Por isso, entende-a.

Desliga a televisão e deixa-se ficar sentado, olhando absorto para a borra de café no fundo da chávena. Aflige-o a mesma dor de barriga que o acompanha desde a chegada a Hamburgo. Todas as manhãs, quando pensa no dia pela frente. E em tudo o que deixou para trás.

Um rapaz de feições morenas, suaves, de cabelo curto e encaracolado detém-se em frente ao seu próprio reflexo, numa das janelas ao longo do corredor. Admira o fato de treino novo, Adidas, que um voluntário lhe deu no dia anterior, desconhecendo ser precisamente o modelo que ele, desde pequeno, desejara ter.

Vendo-se sorrir, lembra-se dos tempos em que sorria sempre e andava livre pela rua, saudando vizinhos e amigos. Tempos tão diferentes destes, em que, ainda assim, encontra motivos para sorrir. “Chegaste aqui, o pior já passou, vai tudo correr bem”, diz para si próprio.

Avançando pelo corredor, procura a fila que lhe corresponde, atravessando, em passos hesitantes, uma sucessão de corredores e portas, num edifício tão baralhado como ele próprio. Por todo o lado, vê pessoas. Milhares de pessoas à espera dos papéis necessários para viver e encontrar trabalho na Alemanha.

“Estás perdido?”, pergunta-lhe, em árabe, uma rapariga sorridente, de rosto gentil, e os olhos amendoados, muito vivos. Traz ao peito uma pequena placa com o nome SACHI. “O que fazes aqui?”

“Sou turista.”, responde ele, hesitante.

Ela ri. Tem o rosto luminoso, alegre. “Era para ter a certeza. Já não era a primeira vez que confundia um voluntário com um refugiado. De onde vens?”

“Da Síria.”

“Estás cá com a família?” O interesse de Sachi parece-lhe genuíno e ele reconhece-lhe uma doçura no olhar que lhe acelera o coração.

“Não”, responde, e o sorriso esvanece-se. “Estou sozinho.”

“Como te chamas?”

“Nabil Halabi.”

Ela olha para a placa que tem no peito. “O meu nome já sabes. Vem comigo.”

Nabil segue-a pelos corredores, através da multidão. Ela move-se, ágil e veloz, e ele não consegue desviar os olhos das pernas, adivinhando-lhes as formas por debaixo da saia justa e os braços morenos, cujo perfume consegue imaginar. “Afinal”, pensa, talvez exista verdadeiramente um futuro à sua espera na Alemanha.

“Agora tens de esperar aqui.” Sachi indica-lhe o último lugar de uma fila que dá a volta ao corredor.

Nabil não encontra palavras para o que gostava de lhe dizer. “Aqui?”, pergunta, desajeitado.

Ela faz-lhe sinal que sim. Vira-lhe as costas, mas ele agarra-lhe o braço. “Espera.”

“Sim?” Sachi detém-se, o rosto fechado, um olhar de censura na mão que a segura.

Ele larga-a. “Desculpa”, diz, corando. “Queria só agradecer. Eu...”

“Não tens de quê. Boa sorte.”

Nabil fica a vê-la afastar-se.

“Que ideia a minha... O que me passou pela cabeça?”

Quando ela desaparece no fundo do corredor, é como se um feitiço se desfizesse. O ruído de vozes entra-lhe pelos ouvidos dentro, atordoando-o. Alguém o empurra, incomoda-o o cheiro intenso a gente, os olhares de curiosidade e de apreensão. Um homem gordo e rosado dirige-se a eles naquela língua bárbara, que Nabil não entende e se espanta de alguém conseguir entender. Uma dúvida assalta-o: *“Será que não têm trabalho para todos?”* Neste momento, o seu maior receio é que o enviem de volta para a Síria, como sabe já ter sucedido em vários casos.

À sua frente, na fila, um gigante com o torso de um boi e os braços tão fortes como troncos vira-se para ele:

“Que querem estes?”, pergunta, apontando o queixo na direção do alemão, que não pára de falar, como se lhes desse instruções.

“Não faço ideia”, responde Nabil, encolhendo os ombros.

O homem abre a boca num sorriso de dentes amarelos e partidos. Tem uma cicatriz na testa que se prolonga através do escalpe rapado. “Língua de porcos”, rosna, olhando para Nabil como quem espera uma resposta. E como ele não responda, aproxima-se e estende-lhe a mão, grande e suja. “A Paz esteja contigo, irmão.”

“Contigo esteja a Paz.”

“Como te chamas?”

“Nabil.”

“Nabil... eu sou Ziad. Estás cá há quanto tempo?”

“Na Alemanha?”

“Sim.”

“Há dois meses.” Nabil gagueja, como lhe acontece quando está nervoso. Ziad recorda-o de outros homens, semelhantes, que conheceu antes da guerra. Homens de quem a sua mãe quis que ele fugisse. “Mas ficámos retidos num campo, na fronteira. Só cheguei a Hamburgo há uma semana. Tem sido uma confusão”, explica.

“Já vi que também és da Síria”, diz Ziad, com os olhos raiados de sangue, muito esbugalhados, fitando-o com atenção. “De onde?”

Nabil hesita. “Desculpa, prefiro não falar disso”, responde, desviando o olhar.

“Eh, eh! Se precisares de alguma coisa...” Ziad pousa-lhe a mão sobre o ombro. A mão pesada como chumbo.

“Obrigado. Agora tenho de tratar dos papéis, arranjar trabalho.”

“Mas é isso que estou a dizer: se precisares de trabalho...”

“Não, obrigado”, responde Nabil, declinando a oferta, que entende pelo que é: uma ameaça.

“Foi apanhado de surpresa”, constata Anna, olhando para o cadáver estendido sobre a marquesa.

“Sim. Por alguém que sabia muito bem o que estava a fazer. Um tiro preciso no meio da testa. Àquela hora da noite, quase sem iluminação, é obra”, explica Hugo Bauer, médico-legista, um homem de dois metros de altura, com cara de cavalo e um pingo permanente na ponta do nariz.

“A que distância?” Os olhos de Anna, quase cinzentos, refletem o brilho metálico da mesa de instrumentos.

“Uns vinte metros.”

Anna suspira.

“Já tiveste casos mais complicados”, afirma Bauer, estranhando tanto desalento.

“E outros mais simples.”

Ambos se calam, perscrutando os segredos da morte, cristalizada no corpo azulado que parece flutuar sobre a marquesa.

Hugo Bauer aproxima-se de Anna, toca-lhe ao de leve no ombro e ela retrai-se, estranhando o contacto.

“Anna, tem cuidado contigo.”

“Como?”

“Já tive pacientes com melhor aspecto.”

“Como assim?”

“As olheiras.”

Ela inclina-se, inspeccionando o rosto do morto. “Que têm?... Ah!”, exclama, apercebendo-se que é ela o objecto da observação. “Desculpa. Já fui mais perspicaz.”

“Sem dúvida...”

“Tenho dormido mal.”

“Queres uma receita de comprimidos para dormir melhor?”

“Estás a falar a sério? Vocês podem passar receitas?”

“Claro. Até para os mortos há remédios.”

Anna ri. “Fica para uma próxima, está bem?”

Bauer desvia o olhar para evitar a exposição prolongada aos olhos quase transparentes de Anna, que sempre o incomodaram, como se neles estivesse escrito um aviso sobre o seu próprio destino.

“Seja como for, devias cuidar-te mais. Não estás bem. E não quero, um dia destes, receber-te aqui.”

“Não te preocupes. Eu quando morrer desapareço. Não acabo aqui.”

“Eu também costumava dizer isso...”

Anna dá uma gargalhada. Ele ri também, mas logo, sentindo-se desconfortável com aquele acesso espontâneo de boa disposição, tosse para se recompor e prossegue, aliviado, com a análise forense. “Trinta e dois anos. Má alimentação, carências de vitaminas, de minerais, lesões nos intestinos, no estômago, lesões no corpo. Está aqui um homem que, nos últimos tempos, passou por muitas provações.”

“É um longo caminho, da Síria até aqui.” Anna examina os documentos do falecido. “Mohammed Zouad. Papéis em ordem.”

“Veio à procura de um futuro melhor.”

“E se calhar foi da maneira que o encontrou.”

Bauer detém-se. Hesita.

“Que foi?”, pergunta Anna.

“Tu achas?...”

Anna percebe a dúvida que o inquieta. “Não sei”, responde. “Por enquanto, embora seja um refugiado, vamos seguir os procedimentos habituais. Mas podes ter a certeza de que os nossos colegas do Ministério do Interior vão aparecer aqui a fazer perguntas.”

“Mas vais ficar com este caso?”

Anna encolhe os ombros. “Sei lá. O que eles quiserem...”

“Espero que sim. É mesmo o teu género.”

Anna contempla o morto. “É o meu género”, repete, sentindo ressoar, no brilho metálico da maca e dos instrumentos, uma enorme falta de esperança.

Batem à porta e, sem esperar por resposta, um homem que nenhum dos dois conhece entra na sala. É alto, bem-parecido, apresenta-se vestido à civil. Dirige-se a eles, com o à-vontade de quem se sente em casa. “Gerhard Kleist”, diz, estendendo a mão que ninguém aperta. “Anna Ostmann?”

E como ninguém lhe responde, insiste: “Peço desculpa, disseram-me que podia encontrá-la aqui. Anna Ostmann?”

“Sim?”, responde Anna, a quem aquele personagem parece saído de outro universo.

“Recebi ordens para me apresentar. Fui destacado para os homicídios. Para trabalhar consigo.”

Hugo Bauer, com olho treinado de médico-legista, reconhece em Anna os pêlos da nuca eriçados, os dedos tensos, as pupilas dilatadas.

“Trabalhar comigo como?”

“Não sei exactamente. Dão-me licença?” Gerhard Kleist aproxima-se do cadáver, observando-o com interesse. “Não há dúvida de que este está morto”, conclui, olhando para as expressões aturdidas de Anna Ostmann e de Hugo Bauer com um largo sorriso de dentes perfeitos.